

FOTOS AFFONSO DALUA E DOUGLAS LOPES

# MIARÉ

## DE NOTÍCIAS

### CAPOEIRA RAIZ DA MARÉ



ACESSE O SITE



**VACINA MARÉ | PROJETO COMPLETA**  
TRÊS ANOS DE ATUAÇÃO PELO DIREITO À SAÚDE DOS MORADORES.  
**- PÁGINA 5**

**FAVELA OLÍMPICA | A EMOÇÃO DE**  
QUEM JÁ COMPETIU NOS JOGOS E A ESPERANÇA DAS NOVAS GERAÇÕES.  
**- PÁGINA 8**

# EDITORIAL

Tradições de povos originários acreditam que, quando cantamos ou contamos histórias em voz alta, elas permanecem ecoando no mundo em múltiplas dimensões, até chegarem a ouvidos que as ouçam. Os ouvidos podem estar muito longe, ou mesmo distante no tempo, porque as histórias podem ser ouvidas só séculos depois.

Imagine ter por vocação na vida, a missão de preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, danças, canções e mitos do seu povo. Imagine também ter a possibilidade de ouvir esses griôs em vida, livros de histórias vivos.

A população indígena e negra brasileira vem sofrendo inúmeras tentativas de extermínio ao longo dos últimos cinco séculos. As vezes a gente até se pergunta como conseguimos chegar até aqui: tão bonitos e fortes, tão resilientes e brilhantes. Foram muitos, milhões que ficaram pelo caminho, mas basta abrir os ouvidos para ouvi-los e entender como e porque chegamos.

Resistir é confundir o inimigo, é não deixá-lo saber bem se estamos lutando ou dançando, guerreando ou brincando, rezando ou maldizendo. Uma coisa é certa: a maior resistência é preservar a alegria.

## TARGIFOR | DICA DE SAÚDE

O QUE É ESTRESSE?  
SAIBA TUDO SOBRE ESSE  
MECANISMO DO CORPO QUE  
PODE CAUSAR PROBLEMAS!



## 5º Seminário de Educação da Maré: impactos da violência armada no direito à educação

27 e 28 de agosto, das 9h às 18h

Local: Centro de Artes da Maré –  
Rua Bitencourt Sampaio 181, Nova Holanda.

Venha participar do diálogo para  
garantir o direito à educação aos  
estudantes do nosso território!



Saiba mais no site  
da Redes da Maré

## EXPEDIENTE

### REALIZAÇÃO:

da  
**redesmaré**  
**MARÉ**  
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1008A  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
www.mareonline.com.br  
maredenoticias@gmail.com  
contato@maredenoticias.com.br

### APOIO:

15 Associações de Moradores  
da Maré

### EDITOR EXECUTIVO E COORDENADOR

Affonso Dalua

### EDITORA

Ana Paula Lisboa

### FOTOGRAFIA

Affonso Dalua  
Anthony Leeds  
Douglas Lopes  
Gabi Lino  
Patrick Marinho

### COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Andrezza Paulo  
Data Labe  
Henrique Silva  
Hélio Euclides

### REVISÃO

Tatiana Lima

### PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

### DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

### IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

### TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO  
REPRESENTAM A OPINIÃO  
DO JORNAL

PERMITIDA A REPRODUÇÃO  
DOS TEXTOS, DESDE QUE  
CITADA A FONTE.

QUER ANUNCIAR NO  
MARÉ DE NOTÍCIAS?  
ENTRE EM CONTATO  
E SAIBA MAIS!

Whatsapp:  
21 97271-9410



### FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

### REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

### REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda – Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

### PATROCÍNIO:



**Targifor**

### APOIO:



**magalu**

### REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



# MULHERES DA MARÉ E O ACESSO À JUSTIÇA REPRODUTIVA

Os direitos sexuais e reprodutivos são fundamentais na prevenção de doenças, no combate às violências sexuais e na defesa da autonomia

ANDREZZA PAULO

As favelas da Maré são marcadas historicamente pelo protagonismo das mulheres na luta por direitos: saneamento, moradia, cultura, educação, segurança pública e tantos outros, que são negados aos mais de 140 mil moradores.

De acordo com o Censo Maré, 51% dos mareenses são mulheres e a vida no território impacta diretamente nos direitos reprodutivos delas: acesso limitado a serviços de saúde, violência sexual e obstétrica, gravidez precoce e discriminação são apenas alguns dos obstáculos que elas enfrentam. Um dado alarmante revelado pelo Censo é que 44% das mulheres, maiores de 15 anos, são as únicas responsáveis por suas famílias, ou seja, desempenham o trabalho de cuidado e sustento desde muito cedo.

## JUSTIÇA REPRODUTIVA

A justiça reprodutiva engloba o direito das mulheres de decidirem livremente sobre o corpo delas e expressarem livremente a sexualidade, mas isso vai além do acesso a métodos contraceptivos e à interrupção ou não da gravidez. O conceito envolve o direito à informação completa e precisa, o acesso pleno aos serviços de saúde e o respeito aos direitos humanos. Para as mulheres que decidam ter filhos, é

preciso exercer o direito de criá-los em ambientes seguros e saudáveis, livres de violência.

O projeto *Marés* realizou em 2023 uma pesquisa, na qual se constatou que 41% das 253 mulheres entrevistadas já tentaram acessar algum método contraceptivo pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, 33% delas não conseguiram. O mesmo documento aponta que apenas 0,43% das entrevistadas conheciam o método contraceptivo do Dispositivo Intrauterino de Cobre (DIU). O projeto foi realizado pela Casa das Mulheres da Maré, equipamento da Redes da Maré, em parceria com o Instituto Phi.

## CASA DAS MULHERES

A Casa das Mulheres fica localizada no Parque União e oferece acolhimento, rodas de conversa e informações sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres do território. Em parceria com os médicos do Nosso Instituto e da Clínica da Família Jeremias Moraes e Silva, o projeto passou a oferecer consultas ginecológicas com foco no acesso ao DIU e já atendeu mais de 1.200 moradoras em três anos.

“É importante a gente falar sobre direitos sexuais reprodutivos em favelas porque a gente está falando de marcadores da vida de uma mulher ou de pessoas que gestam. A gente está

falando sobre acesso a métodos contraceptivos ou não acesso, gravidez, o direito a ter um filho e também poder continuar criando ele. A gente está falando sobre aborto e sobre questões de saúde pública que, no geral, que não são entendidas como algo central porque os corpos de mulheres, principalmente corpos de mulheres negras e de regiões periféricas, não é tratado como algo importante, como prioridade”, analisa **Andreza Dionísio**, articuladora da Casa das Mulheres.

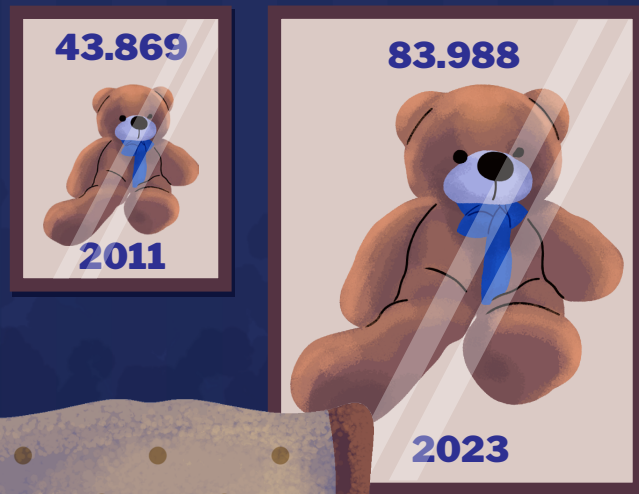
**Rayane Felix** foi uma das mulheres beneficiadas com o projeto, aos 22 anos. Ela conta que: “Acessar o DIU através da Casa das Mulheres foi importante, porque antes de estar nesse espaço, eu não pensava sobre métodos contraceptivos de longa duração. E, passando também pela palestra do Nosso Instituto, eu consegui pensar em não ter filhos, pelo menos não agora, como uma forma de planejar o futuro. Eu não preciso me preocupar em tomar remédio com alta quantidade de hormônios. Ter esse método disponível para todas as mulheres, a partir dos 16 anos de graça através da Casa das Mulheres, é muito importante”, conta.



# POR QUE O **PL DO ABORTO É UMA AMEAÇA** ÀS CRIANÇAS DA MARÉ?

O projeto de lei 1904/24, que ficou conhecido como PL do Aborto, quer estabelecer uma pena equivalente ao crime de homicídio para pessoas ou profissionais que realizarem aborto após 22 semanas de gestação, mesmo em casos de estupro. A interrupção da gravidez é permitida por lei desde 1940 para casos de estupro e de risco à vida da gestante, sem restrição de prazo.

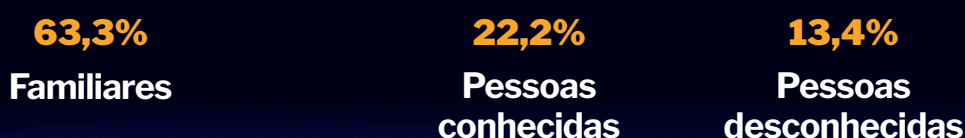
Taxa de estupro e estupro de vulnerável no Brasil **CRESCEU CERCA DE 91,5%** entre 2011 e 2023.



**6 EM CADA 10 VÍTIMAS** de estupro de vulnerável no Brasil têm entre **ZERO E 13 ANOS DE IDADE.**



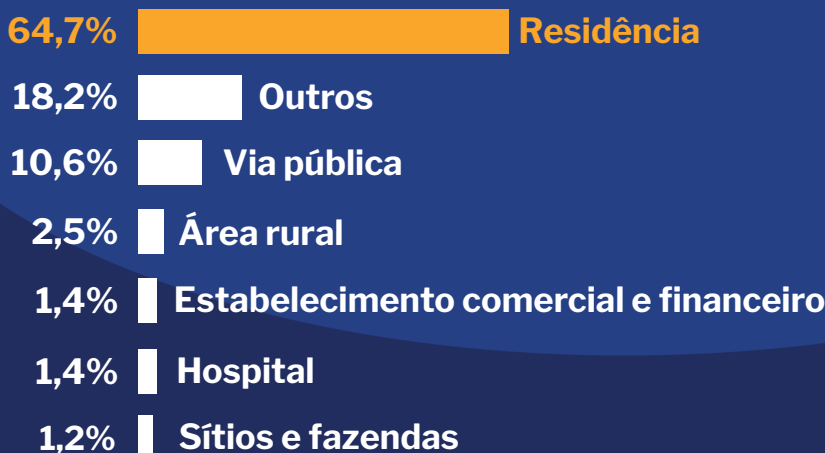
### PERFIL DO AGRESSOR:



**MAIS DE 60% DOS CASOS** de estupro e de estupro de vulnerável **OCORREM EM CASA.** Este é o principal local de brincadeiras das crianças da Maré.

### LOCAL ONDE OCORREU O ESTUPRO DE VULNERÁVEL

Fonte: Anuário brasileira de Segurança Pública, 2024.



### LOCAIS DE BRINCADEIRAS

Fonte: Pesquisa Primeia Infância na Maré.



# VACINA MARÉ COMPLETA TRÊS ANOS

Projeto iniciou em 2021 com campanha de vacinação em massa e hoje realiza mapeamento do impacto do coronavírus no território da Maré

ANDREZZA PAULO

O projeto Vacina Maré, iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Redes da Maré e Secretaria Municipal de Saúde, está completando três anos. O programa começou em 2021, com a campanha Vacina Maré, que imunizou mais de 36 mil moradores em apenas quatro dias, uma mobilização histórica pelo direito à saúde.

## PRODUÇÃO DE DADOS

Um dos frutos desta mobilização é a produção de dados sobre a saúde da população mareense, um marco importante quando se pensa em saúde nas favelas. O principal objetivo da pesquisa é analisar a eficácia da vacina contra a Covid-19 na população da Maré e o impacto na vida dos moradores.

No auge da pandemia, a Maré registrou uma queda de 89% na letalidade por Covid: "O primeiro grande impacto foi o adiantamento do calendário de vacinação e a grande adesão da população. O segundo impacto sem dúvida foi a proteção da população a partir da vacinação. Com isso pudemos criar uma pesquisa para acompanhar pessoas e famílias vacinadas e contribuir para produção científica no mundo sobre imunização e Covid-19", conta **Luna Arouca**, coordenadora do Eixo Direito à Saúde da Redes da Maré.

Cerca de 6.500 moradores da Maré, incluindo crianças, participam do estudo para entender como a Covid-19 se

espalha dentro das famílias e na favela. É realizado um acompanhamento da saúde dessas famílias ao longo do tempo, coletando amostras de sangue periodicamente. Os dados são armazenados pela Fiocruz.

Para **Fernando Bozza**, pesquisador do Instituto Nacional de Infectologia da Fiocruz, as ações de incidência e capacitação que a Redes da Maré fez na área da saúde foi fundamental para fortalecer a parceria, assim como o financiamento, às pesquisas e produção de dados.

"Esse projeto teve impacto não só na Maré como na própria sociedade civil, gerando ações mais efetivas no campo da saúde pública. Fomos convidados para apresentar o Vacina Maré na Organização Mundial da Saúde, no Ministério da Saúde e em diversas universidades internacionais. Inclusive, o projeto foi reconhecido como uma das seis ações mais importantes da Fiocruz na pandemia", conta.

## DIREITO À INFORMAÇÃO

A moradora do Parque Rubens Vaz, **Roxana Novais**, é acompanhada pelo programa Vacina Maré desde 2021. "Fazer parte desse projeto é confortável, porque mesmo no meio do caos que estávamos vivendo com a Covid, tivemos pessoas que nos acolheram, que nos passaram informações, mesmo sendo escassas, eram precisas e claras, e o acompanhamento dessa equipe sempre foi impecável. Para mim, esse projeto tem uma importância enorme, pois ele acompanha e leva

informações para quem não consegue ter acesso fácil", reflete Roxana.

## TERRITÓRIO SAUDÁVEL

O eixo Direito à Saúde, da Redes da Maré, busca tornar a Maré referência de território saudável, mapeando cadernetas de vacinação de crianças e adolescentes. Os projetos e ações do Eixo também visam ampliar o conceito de saúde, compreendendo que um morador saudável não é apenas aquele que vive sem doenças, mas sim o que tem bem-estar físico, mental e social.

**Diana Souza**, coordenadora de campo da pesquisa, conta que: "o projeto mantém sua relação de proximidade com as unidades de saúde, atuando em conjunto com elas. O Vacina Maré é uma pesquisa de produção de ciência em saúde nas favelas, pensando nas perspectivas da saúde de forma ampliada".

Ela reforça a importância da participação dos moradores para que a campanha fosse realizada e, para que hoje a pesquisa continue: "Acredito que a mobilização do Vacina Maré trouxe um sentimento importante de pertencimento, todos deram seu máximo independente de qual favela pertencia. Trabalharam de forma incansável para que desse certo. E não podia ser diferente, foi maravilhoso!"



FOTOS DOUGLAS LOPES

# DA ESCOLA BAHIA ÀS 50 ESCOLAS

## O impacto da mobilização comunitária na educação na Maré

HENRIQUE SILVA

“Aqui na Favela da Baixa do Sapateiro, só ouvimos falar de Juscelino e Jango. Todos vão votar neles, pois prometeram atender às nossas reivindicações. Eu não sei ler, mas não podem me tirar o direito de reclamar ou pedir medidas de salvação para os moradores desta favela, principalmente para as crianças. Eu não posso votar, mas posso lutar para que J-J instalem escolas para nossos filhos.”, publicada em 24 de setembro de 1955, no Jornal Imprensa Popular.

A mobilização e a participação popular pela educação sempre foram almeçadas pelas classes populares, como exemplificado no trecho acima da matéria escrita pelo jornalista Diógenes da Costa, com a fala de **Dona Maria José Marques**, moradora da Baixa do Sapateiro. Esse exemplo mostra a importância daquela população em um período em que as pessoas não alfabetizadas não tinham o direito de votar, o que só aconteceu a partir de 1985.

Em 1955, ano da matéria, o conjunto de favelas da Maré ainda não era formalmente um bairro e, naquela década, o entorno da Maré contava apenas com uma unidade escolar: a Escola Bahia.

Atualmente, as favelas da Maré contam com 50 escolas públicas, sendo 46 municipais e quatro estaduais, onde estudam 17.355 alunos na rede municipal e 2.457 na rede estadual, num total de 19.812 estudantes (Censo Escolar 2013).

Ao longo de todos esses anos, a mobilização e articulação dos moradores e movimentos sociais, tiveram um papel crucial na atual configuração da educação no conjunto de favelas. Não apenas pela quantidade de escolas, mas, sobretudo, pelas relações estabelecidas entre as escolas e a comunidade.

### EDUCAÇÃO E SAMBA

Uma das primeiras escolas da Maré foi a Escola Nova Holanda, criada junto com o Centro de Habitação Provisória da Nova Holanda, em 1962. A instituição, por muitos anos, foi o ponto de referência do estado no território, funcionando como ponto de campanha e vacinação, até um dos primeiros espaços de alfabetização de jovens e adultos, organizado em conjunto com a associação de moradores da Nova Holanda na época.

Em uma matéria de 1984 do jornal O Globo, a professora **Ivanise**, narra a

relação dos alunos com a Escola Nova Holanda e o bloco carnavalesco da comunidade: o *Mataram Meu Gato*.

“‘Escola também ensina a ler com atabaques e tamborins.’ Ivanise conta que sabia ser necessário procurar um caminho novo e começou a perguntar qual seria ele para seus alunos. ‘Eu já tinha percebido’, conta, ‘que a música, principalmente o samba, era muito importante para todos eles, que saíam no bloco ‘Mataram meu gato’. Passavam horas cantando sambas-enredo ou batucando nas carteiras.’ A professora, que prestava atenção aos alunos em busca de algum caminho, pediu então que eles levassem para a escola alguns instrumentos.’ 08-04-1984 - Jornal O Globo

### NOVO MODELO

A partir da eleição vencida por Leonel Brizola para governador do estado, em 1982, uma das principais iniciativas daquele governo foi a implantação do novo modelo de educação baseado no Centro Integrado de Educação Pública (Ciep), popularmente apelidados de Brizolão. O equipamento contava com uma estrutura de funcionamento para manter os alunos em tempo integral na escola.

Na Maré, foram construídos sete Cieps que, durante muito tempo, foram a porta de entrada para a educação infantil e para múltiplas atividades



comunitárias. Um exemplo foi a organização de um ciclo de debates realizado pela associação de moradores da Nova Holanda junto à direção da escola na época:

“A favela organizou até o ciclo de Debates ‘Nova Holanda Reflete’ - na verdade uma retrospectiva dos melhoramentos conseguidos na favela através da Associação de Moradores, com uma avaliação dos problemas da comunidade”, 9 de junho de 1988, *Jornal do Brasil*.

No contexto das iniciativas ambientais e educacionais no Rio de Janeiro, a Favela da Maré se destaca como um exemplo de inovação e participação comunitária. Em 1992, o Ciep Gustavo Capanema, localizado na Vila do Pinheiro, implementou um projeto pioneiro de coleta seletiva de lixo. A iniciativa se destacou pelo impacto causado dentro da comunidade e o papel que teve na promoção da educação ambiental, evidenciado no trecho da matéria a seguir:

“Uma das iniciativas pioneiras de coleta seletiva de lixo no Rio de Janeiro, que vem influenciando outras unidades, começou no ano passado, no Ciep Gustavo Capanema, na Favela da Maré. Ali, como parte de um projeto de fazer uma educação participativa, estudantes, pais de alunos e professores têm realizado o trabalho com excelentes resultados”.

### COMUNIDADE NA ESCOLA

Da importância da construção participativa dentro da escola, **Amarildo Baltazar**, que foi agente de educação na associação de moradores da Nova Holanda durante os anos 1980, parti-



FOTO DOUGLAS LOPES

Cieps da Maré se destacam pela participação comunitária e engajamento dos alunos

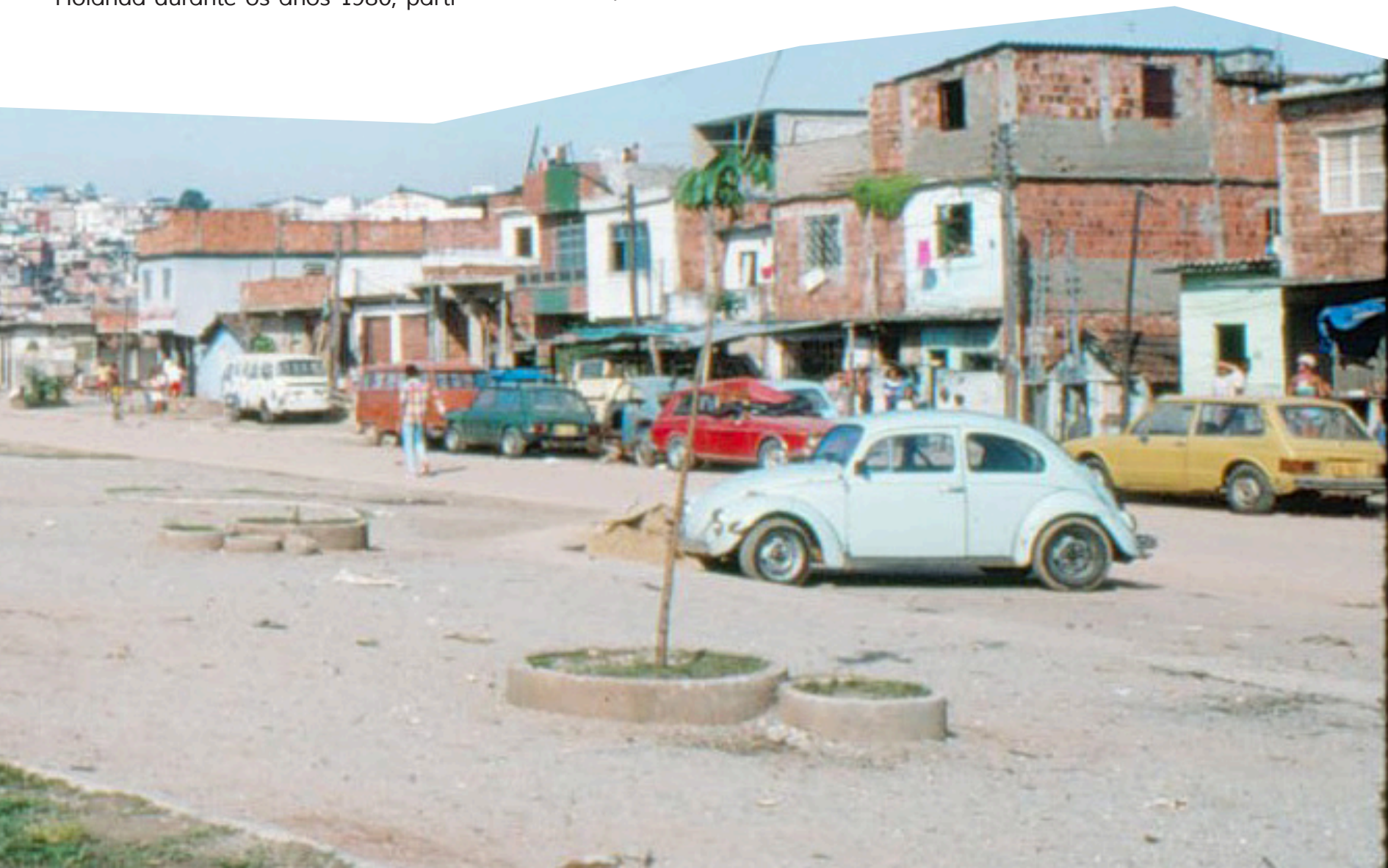
cipou da construção de uma cartilha para as creches comunitárias, falando da importância do conhecimento e experiência das crianças das favelas, como aparece na matéria sobre o lançamento da cartilha:

“Voltado para o professor, o trabalho preocupa-se em garantir o acesso das crianças ao conhecimento teórico, sem menosprezar sua cultura e saber próprios. Para Amarildo, a escola tradicional subestima os conhecimentos das crianças, principalmente as das classes populares, com métodos e elementos pedagógicos alheios a seu cotidiano.” 11-10-1992 - *Jornal O Globo*

Mais recentemente, o fórum das 16 associações de moradores da Maré, produziu um documento diagnóstico com as demandas do conjunto de favelas chamado: *A Maré que Queremos*, construído com dados e informações levadas ao prefeito Eduardo Paes, na

época da construção do Campus Maré - tendo como base este documento.

As iniciativas na atualidade ajudam a fortalecer a educação na Maré, como a *Carta da Educação* construída durante o Seminário de Educação - que reivindica a importância de ter uma CRE (Coordenação Regional de Educação) somente para a Maré - que é uma luta das escolas do conjunto de favelas. E, por isso, neste mês de agosto, nos dias 27 e 28, será realizado no Centro de Artes da Maré o 5º Seminário de Educação da Maré, tendo como tema os impactos da violência na aprendizagem.



# FAVELA OLÍMPICA

A emoção inexplicável de quem já competiu nos jogos e a esperança das novas gerações

## HÉLIO EUCLIDES

A até o dia 11 de agosto, o mundo estará vivenciando a 33ª Olimpíada, que acontece em Paris, na França. A partir do dia 28, as atenções se voltam para os Jogos Paralímpicos, disputado por atletas com deficiências física, visual ou intelectual de várias modalidades representando o seu país, tentando levar para casa uma medalha no peito. Quem já participou da maior competição esportiva do planeta, afirma que é uma emoção inexplicável.

## NOVA HOLANDA OLÍMPICA

Dizem que o atleta precisa não só correr atrás do que almeja, mas correr na frente. Foi o que fez o ex-atleta olímpico **Robson Caetano**, que deu seus primeiros passos na Nova Holanda. Ele se tornou recordista sul-americano dos 100 metros rasos e participou de quatro edições Olímpicas, trazendo duas medalhas para o Brasil.

“Nasci na rua F e tenho orgulho disso. Estou há mais de 20 anos aposentado das pistas, mas não deixo de levar o que aprendi a todos. É muito bom ver as sementes que plantamos”, comenta.

Outro que não esquece suas raízes é o ex-pugilista **Roberto Custódio**, também da Nova Holanda. Ele construiu a trajetória esportiva na instituição Luta Pela Paz e hoje é o coordenador esportivo. Roberto esteve nos Jogos Olímpicos de 2012:

“É algo surreal! Todos os atletas dos continentes juntos representando o seu país, mas confesso que meu peso maior era a bandeira da Maré. Não é fácil a vida de atleta, abrimos mão de muita coisa para uma disputar uma medalha, disputa que pode durar minutos ou até segundos. É preciso ser campeão no ringue, no tatame e na vida”, afirma.

**Felipe Gomes** vai para quinta Paralimpíadas, na classe T11, para deficientes visuais. O cria da Nova Holanda reclama que o maior peso é que o Brasil é o país do futebol e não do atletismo. “É quando é Paralímpico, ainda é pior, [porque patrocinadores] não desejam associar a marca a deficientes. No Brasil, depois de 2016, o incentivo para o esporte de modo geral piorou. Muita coisa se perdeu, são muitos elefantes brancos pela cidade. A gente tem a esperança de que as coisas venham melhorar por meio de projetos sociais, das vilas olímpicas e das escolas”.

## PENSAR O FUTURO

**Felipe Oliveira**, de 24 anos, ex-boxeador, criou o trabalho social gratuito na Escola de Boxe Havana, em uma praça do Conjunto Esperança. O projeto hoje já conta com três núcleos na Maré e mais de 100 alunos.

“Acredito que o sonho de todos da minha equipe são as Olimpíadas, mas são muitas etapas, uma estrada longa. Formar o favelado é mais

difícil, pois não temos ajuda governamental. Os equipamentos são caros, por isso, precisamos de apoio. Mas não vamos desistir, pois como numa luta, o impossível é questão de opinião”, ressalta.

Um dos destaques do projeto é **Cauã Kabriel**, de 14 anos. Ele assegura que o boxe é essencial para a vida dele. “Eu tinha muita distração e o boxe trabalha a mente e a concentração, dessa forma, eu evolui no esporte. No ringue aprendi a ter disciplina, algo que levei para a casa. Eu me vejo um vencedor! Quem sabe um dia chego às Olimpíadas, mas também quero passar a outros da favela o que aprendi, de que o talento está dentro da gente, só precisa de quem nos apoie e incentive”.

**Kaillany Melo**, de 15 anos, é atleta de jiu-jitsu, mas vem se destacando também na modalidade luta olímpica (greco-romana, livre e luta feminina). Ela é atleta da instituição Luta Pela Paz e do projeto Tijolinho, na Nova Holanda. Campeã brasileira, conseguiu conquistar o auxílio do bolsa atleta. Kaillany se classificou para a seletiva dos Jogos Pan-Americanos, mas por problema no passaporte, perdeu a vaga. “No caminho se encontra dificuldades, mas não se pode desistir. Sei que hoje tenho uma representatividade feminina”, resume.





# CADERNO DE CULTURA

## CAPOEIRA RAIZ DA MARÉ

Arte é mistura de resistência, luta contra a opressão e preservação da história

### HÉLIO EUCLIDES

A Capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira e estima-se que seja praticada por mais de 6 milhões de pessoas em todo o mundo, mas, nem sempre foi assim. Criada por africanos escravizados e seus descendentes, a capoeira foi estigmatizada e até 1937 era proibida no Brasil.

Foi necessário muita luta e ginga para que a capoeira fosse considerada cultura e reconhecida, em 2014, como patrimônio cultural imaterial da humanidade, pela UNESCO.

### ÁFRICA-BRASIL

A capoeira chega ao Brasil por meio do ritual do engolo (*ngolo*), realizado por povos do sul de Angola, na África. Mais de meio milhão de homens e mulheres das regiões do Congo-Angola foram traficados para o Brasil, trazendo junto com eles a própria cultura.

A capoeira surge como uma das formas de lutar e resistir, mantendo a cultura viva. Ela foi "disfarçada" de dança de roda, para não chamar atenção: é por isso que, no centro, duas pessoas disputam e dançam, ao som de palmas e de instrumentos, como berimbau, reco-reco, agô, atabaque, chocalho e pandeiro.

### CAPOEIRA MARÉ

Dia 3 de agosto é comemorado o Dia do Capoeirista e, recentemente, um capoeirista mareense foi destaque em um *reality show* nacional. O professor **Lucas Henrique** mostrou para todo o Brasil que a capoeira ocupa um importante espaço na vida dele:

"Percebo que mexe com temas muito sensíveis como autoestima, com o que eu sou e me conecta com minha ancestralidade. A capoeira nos faz pensar liberdade, seja na forma de jogar, de fazer e ser. Ela é dança, luta, jogo e tudo que o momento pede. O Mestre Moraes diz que o capoeirista é aquele que melhor transfere os conhecimentos da pequena roda, que a capoeira, para a grande, que é o mundo".

Um dos capoeiristas pioneiros é Vicente Ferreira, o **Mestre Pastinha**, nascido em 1889, um ano depois da abolição de 1888. O mestre era defensor da preservação da Capoeira Angola,

conhecida como capoeira mãe, pelo resgate de movimentos tradicionais, executados perto do solo e, com uma mistura de jogo, canto, toque e história. Ele considerava a capoeira como a luta dos excluídos e explorados.

Na Maré, o defensor dessa linha é **Manoel Lopes**, o Mestre Manoel, de 62 anos. Em 1994, começou a trabalhar no território e fundou o Grupo Capoeira Ypiranga de Pastinha, na ocupação Portelinha, no Morro do Timbau. Ele conta que seu trabalho é focado na arte, educação e conscientização.

"Quando cheguei na Maré as mulheres não queriam cabelos crespos e nem serem identificadas como negras, mas sim mulatas, sem saber o verdadeiro significado dessa palavra", destaca. Mestre Manoel defende que os alunos dele sejam cidadãos políticos e não apenas lutadores.

"Tem que ser mandingueiro, tendo jogo de cintura para sobreviver. A capoeira precisa resgatar que o povo preto foi escravizado e teve uma falsa liberdade, assinada a lápis. Os meus alunos precisam compreender que há uma ausência de políticas públicas, que tudo foi negado aos afrodescendentes e povos originários. Hoje, não somos escravos do colonizador, mas sim do sistema que, por meio de operações policiais na favela, tenta o extermínio do povo preto. A verdadeira história do Brasil de que a miscigenação foi forçada foi apagada", enfatiza.

### EXPRESSÃO DA LIBERDADE

Há 50 anos morria Manoel dos Reis Machado, **Mestre Bimba**. Ele fundou a capoeira regional, no final da década de 1920, o primeiro capoeirista a dar aulas em um local fechado. À época, um divisor de águas, pois ao sair da rua, diminuíram as perseguições policiais. Em 1953, Mestre Bimba promoveu uma apresentação para o então presidente Getúlio Vargas.

Admirador do Mestre Bimba, **Iranildo Batista**, o Mestre Yrann, de 64 anos, da Associação de Capoeira Kapoart, há 50 anos pratica a arte. Ele lembra que o primeiro berimbau que teve foi



feito com cabo de vassoura e lata de leite e, os treinos, eram na Associação de Moradores do Parque União, com **Mestre Silas**.

“Eu era esforçado, pois arrumava tempo entre o estudo e o trabalho. Aprendi que a vida é a maior expressão de liberdade e que a capoeira se compara a ela. Que a palavra capoeira deriva de um vegetal do mesmo nome e da resistência dos negros contra os açoites”.

O irmão dele, Ivanildo Batista, de 64 anos, o **Mestre Mano**, começou a prática da capoeira na Bahia e deu continuidade à cultura também no Parque União. “O conhecimento ninguém tira da gente, ano que vem completo 50 anos de capoeira. Um diferencial é que desde de 2019, atuo na Capoeira Viva Para Cristo, onde realizo um trabalho missionário no qual levo o evangelho através da arte”, diz.

### PARA TODOS E TODAS

Para quem acha que a capoeira é um mundo masculino, está enganado. Maria Cleide, de 56 anos, a **Mestre Cleide**, do Grupo Terra, de Olaria, é viúva de um dos maiores mestres da cidade do Rio de Janeiro, o Mentirinha. Ela exalta a força da mulher que precisou conquistar o seu espaço.

“Só há 20 anos que conseguimos aparecer, pois antes era muito complicado, até pegar um berimbau era difícil. Hoje somos muitas”, garante.

### TETRACAMPEÃO

Um dos capoeiristas mais antigos da Maré é Jorge Roberto, o **Mestre Crioulo**, de 70 anos. Ele começou na capoeira aos 10 anos, ainda na época das palafitas.

“Só tinha uma televisão na rua e assisti o filme: O pagador de promessas, onde tinha uma roda de capoeira. Decidi que queria isso para minha vida. Meu pai era contra, pois associava a ser vagabundo, então, tive que aprender lendo o livro Capoeira Sem Mestre”, conta.

O pai de Crioulo descobriu o que o filho fazia através do jornal, que trazia ele na manchete e na foto, com o título de primeiro campeão brasileiro da modalidade. “Os vizinhos deram parabéns e meu pai acabou aceitando, então, repeti o feito de campeão em 1975, 1978 e 1981. Conheci o mundo através da capoeira, mostrando que o gol é demonstrar que sabemos bater, mas que a arte é não machucar”.

### NOVAS VOZES

Apesar de legalizada e premiada, a capoeira e os capoeiristas não deixaram de encontrar dificuldades para manter os grupos. Ainda assim, o que mantém a arte forte e viva nesses muitos séculos, é a renovação das lideranças e dos mestres.

Entre um golpe e outro, além de alunos, já aparece lideranças jovens no meio de saltos. Entre essa juventude se encontram dois irmãos: os mestres Jacaré e Crocodilo.

Sérgio Inácio, de 36 anos, o **Mestre Crocodilo**, fundador do Grupo Maré de Bamba, respira o gingado da capoeira há 22 anos, ao lado do irmão, **Mestre Jacaré**. Ambos vieram da Paraíba para a Maré, e Sérgio confessa que, ao chegar, teve um choque com a cultura carioca. Para aliviar a ansiedade e a saudade, encontrou na capoeira um estilo de vida.

Ele conta que seu maior encanto é ensinar o que aprendeu com outros mestres. Por isso, já deu aulas em escolas e creches e criou o grupo que, atualmente, ocupa o Museu da Maré.

“Isso é preservar a cultura! Com respeito, tento repassar o que aprendi”, conclui.





FOTOS AFFONSO DALUA, DOUGLAS LOPES E PATRICK MARINHO

# SABERES ANCESTRAIS

Histórias e narrativas folclóricas ajudam a preservar a memória das favelas da Maré

HÉLIO EUCLIDES

Saci-pererê, Cuca, Curupira, mula sem cabeça, boto, lara, boitatá, caipora, são alguns dos personagens do folclore brasileiro, celebrado em 22 de agosto. Mas, a Maré, também tem as suas próprias lendas: a figueira mal-assombrada, o ensopado de cobra, a festa do casamento nas palafitas, o porco com cara de gente, o lobisomem da Nova Holanda, a história da criação do bloco Mataram Meu Gato, entre outras.

Lendas são narrativas de histórias que passam de geração em geração, geralmente, de forma oral. Mas atualmente, para manter as histórias vivas, pessoas têm se dedicado a passar essas narrativas para o papel ou para as telas.

É o caso do filme *Contos da Maré* (2014), do diretor Douglas Soares, e do livro *Lendas e Contos da Maré* (2003), que relatam histórias contadas pelos primeiros moradores do território e se tornaram um documento de saberes dos mais antigos.

## VALORIZAÇÃO

O livro foi utilizado ano passado por duas escolas da Maré, que realizaram eventos onde alunos e professores se debruçaram sobre essas histórias. Foi o caso do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA-Maré) que realizou um Chá Literário recheado de memórias e conhecimento.

A professora **Alaide Biscácio** apresentou com a turma o conto *A Festa de Casamento nas Palafitas*. O relato destaca uma festança com direito a dança, que é interrompida quando as tábuas das palafitas se quebram, e os convidados vão parar no mangue. “O evento trouxe a memória de histórias que me contavam a beira da fogueira, quando eu tinha oito anos. Alguns personagens, eu cheguei a conhecer. Essas histórias trazem recordações da maresia do local. Naquele tempo, tinha os causos de animais, como o felino do Mataram Meu Gato”, lembra.

Já a Creche Municipal Vila Pinheiro colocou no projeto pedagógico da escola as histórias que as avós contavam sobre a Maré. A mostra teve a peça: *Maré,*

um Musical, que mostrou a valorização local com o mapa do território trabalhado com as crianças e o folclore voltado para o território.

O objetivo da encenação foi falar da história local e envolver o morador na construção da Maré. “A Maré é uma mistura de culturas, cada moradia carrega muitas histórias, sonhos e muitas crianças e jovens cheios de potencial. Resgatar a história deste lugar é resgatar o significado de nossas próprias vidas, valorizando o esforço diário de cada um e trazendo esperança de um futuro melhor para nossas crianças”, destaca **Josefa Natália**, diretora adjunta da Creche Municipal Vila Pinheiro, moradora da Vila dos Pinheiros.

## CONTINUIDADE

O grande medo é o espelho se quebrar, ou seja, quando um mais velho morrer, levar com ele o conhecimento dessas lendas, sem que o mesmo seja passado aos mais jovens. Pensando na circulação desse conhecimento, foi criado o projeto *Saberes Ancestrais, da Casa Preta*, projeto da Redes da Maré. O projeto já se encontra na 3ª edição, com duração de seis meses em cada etapa. São oficinas que visam criar um diálogo entre pessoas do território que possuam conhecimentos das artes, cultura indígena ou plantas medicinais, entre outras.

“Nosso trabalho é exportar esse conhecimento para outros grupos específicos, como escolas e o grupo sócio educativo da Maré. Com esses caminhos da educação mudamos nossas práticas, pois a história possibilita a construção de novas narrativas”, conta **David Alves**, mobilizador do território e coordenador da oficina Saberes Ancestrais. O projeto resgata a resistência e as práticas ancestrais, levando essa memória à juventude. O resultado é uma troca de aprendizado, de vivências e lutas.

**O filme Contos da Maré e o livro Lendas e Contos da Maré podem ser encontrados online gratuitamente pelos QR codes:**

FILME



LIVRO

